

## Politeísmo, A Velha Religião

Na velha Religião Politeísta, os ritos e praticas religiosas têm-se pautado sempre pelo religar das expressões religiosas de cada cultura ao eterno ciclo da vida e morte da Natureza de cada região, como nos revelam os diferentes calendários ritualísticos das antigas civilizações, desde a Egípcia e a Mesopotâmica, que por sua vez influenciaram os mitos Gregos, Celtas e Nórdicos, só para citar as mais conhecidas, nos quais os períodos festivos tinham como referencia o ciclo de renascimento, plenitude e morte da Natureza, manifestos nos degelos, nas chuvas, monções ou inundações, as quais davam inicio a um novo ciclo das festividades e cultos ligadas ao renascimento, maturação e morte (transformação)desse ciclo vegetativo. Apesar das datas e dos nomes das festividades não serem coincidentes de todo, a razão, ou seja a motivação subjacente aos ritos, era a mesma a de comemorar o ciclo do eterno renascimento, vulgo roda do ano. Celebrações que se centravam, e que ainda hoje se centram nos ciclos de fertilidade e declínio, manifestos pela Natureza, de cada região, determinando assim estes pináculos de tempo as datas das celebrações, do grande ciclo da Natureza. Este enfoque dos calendários, nos Ciclos Naturais, apesar da diversidade das suas datas, é uma característica que define e une todos os calendários Politeístas, pois sendo a sua causalidade encontra-se por isso acima de qualquer data ou mito, como nos demonstra este pequeno trecho da autoria de Mircea Eliade.

*"El principio del año variaba de uno a otro país y según las épocas, pues sin cesar intervenían reformas del calendario con el fin de que concordara el sentido ritual de las fiestas con las estaciones a las cuales debía corresponder. No obstante, ni la movilidad del principio del Nuevo Año (marzo abril, 19 de julio —como en el antiguo Egipto—, septiembre, octubre, diciembre-enero, etcétera), ni la diversidad de las duraciones atribuidas al año por los diferentes pueblos, conseguían reducir al mínimo la importancia que en todos los países tenían el fin de un período de tiempo y el principio de un nuevo período; fácil es comprender entonces que nos sea indiferente, por ejemplo, que la población africana de los yoruba divida el año en estación seca y estación de las lluvias, y que la "semana" tenga cinco días en vez de ocho para los ded calabar; o que los warumbi distribuyan los meses según las lunaciones y obtengan así un año de unos trece meses; o también que los ahanta repartan cada mes en dos períodos de diez días (o de nueve días y medio), etcétera. Para nosotros lo esencial es que en todas partes existe una concepción del fin y del comienzo de un período temporal, fundado en la observación de los ritmos biocósmicos, que se encuadran en un sistema más vasto, el de las purificaciones periódicas (cf. purgas, ayunos, confesión de los pecados, etcétera, al consumir la nueva cosecha) y de la regeneración periódica de la vida."* (1)

Nos finais do império Romano, século IV D.E.C., Politeísmo ficou conhecido como *Religium Paganorum*, uma vez que os seus adoradores passaram a reunir-se secretamente, e a realizar os seus cultos no campo, como forma de sobreviver à perseguição que marcou a ascensão do Cristianismo, e cujo poder censório e persecutório, nos primeiros tempos começou por se fazer sentir de forma mais intensa nas cidades, o que tornava mais difícil e perigosas as reuniões onde os Antigos Deuses eram cultuados, e os seus mitos secretamente contados.

Porém a ascensão do monoteísmo, não foi feito sem avanços e recuos, o que

demonstra a tenaz resistência que os adoradores da Velha Religião Politeísta, centrada na Natureza e seus ciclos, opuseram à nova religião do Deus único e à sua verdade única, centrada na vida e na morte de um homem. Resistência essa, que nos é confirmada pela inscrição, deixada numa coluna no Sul da Grã-Bretanha, que aqui relembro, como sinal desses tempos.

*" Júpiter, o Melhor e o Maior, o seu perfeito Lúcio Septímio... Governador de Britannia Prima, restaurou (este monumento), sendo um cidadão de Rheims. Esta estátua e coluna erigidas segundo a antiga religião que Septímio restaura, governador de Britannia Prima (5)*

Apesar da resistência dos adoradores fiéis às Antigas Divindades, nos finais do séc. IV a Antiga Religião foi declarada herege, por decreto imperial, que veio exigir e impor o respeito à Fé cristã de Niceia.

Também é suprimida a função imperial do responsável pelos cultos pagãos, o "Pontifex Maximus" (Pontífice Supremo). E o Paganismo fica de todo interdito, em todas as regiões do império romano em 391.

*"... Teodósio, o Grande institui o Cristianismo como Religião do Estado e interdita os cultos pagãos "... (2)*

Assim com a interdição imperial do Paganismo, a adoração dos antigos Deuses e Deusas e outras Divindades pagãs, é totalmente proibida em todo o Império Romano, e os seus crentes perseguidos, fogem ou são convertidos á força, os que resistem são mortos como hereges ou idólatras, como nos é relatado no paragrafo abaixo do Livro de Jacopo Fo, Sergio Tomat e Laura Malucelli, que aqui deixo a título de exemplo onde o fanatismo religioso do Deus único pode chegar.

*" Em 415, em Alexandria, uma turba de fanáticos linchou a matemática, astrónoma e filósofa neoplatónica\* Hipácia, destacada representante da cultura pagã" (3)*

Os Templos da Antiga Religião são destruídos, seus materiais aproveitados noutras construções ou reconvertidos em templos da nova religião, os seus livros e o conhecimento nele contidos são revisionados, "reciclados" ou considerados blasfemos, e por isso a maioria queimados pela censura imposta pela nova doutrina, já que a existência de Antigos Deuses/as, seus nomes, a cultura, e civilização Politeísta, era considerado um "mal" que precisava de ser erradicado da memória da humanidade e substituída pela verdade trazida pelo verdadeiro e único Deus. Esta atitude persecutória tinha como objectivo final, o extermínio por completo da consciência (alma) politeísta, porque as concepções e princípios sobre a sacralidade em que esta assenta são diferentes, por isso haveria que erradicar de forma eficaz e radicalmente essas crenças e pensamentos, como pode ser atestado pelo trecho abaixo.

*" Com toda a certeza, a Inquisição queimou mais livros do que homens. Por dois motivos: queimar livros pode parecer, moralmente, menos cruel do que queimar pessoas e queimar livros significa eliminar o pensamento do mal, mais perigoso e capaz de se propagar do que o mal em acção... Matar o livro significa matar a consciência. Inquirir o livro significa inquirir a consciência" (4)*

Nesta campanha para erradicar o politeísmo, sua visão da criação e cultos, as suas Festividades, centradas no eterno Ciclo do Renascer da Vida manifesto na Natureza das regiões, foram usurpados, e revestidos com novas roupagens, suas hierofânias são substituídas por lendas com nomes cristãos, e lentamente os Antigos Deuses são "diabolizados" e convertidos em símbolos do mal e da perdição humana", os seguidores

das Antigas Divindades, passam a ser apelidados de Hereges, Bruxas/os ou Feiticeiros/as, seguidores de Satanás/Diabo, Demonização amplamente documentada da qual os trechos abaixo são um pequeno testemunho.

*" Não importa o que é interessante em Clemente (Clemente de Alexandria-150 a 215 e.c.) é que ele é o primeiro Pai a lançar o anátema sobre os deuses das outras religiões.«Assim a profética», diz ele, fazendo alusão aos oráculos sibelinos, «é que todos os deuses das nações são demónios”(5)*

*" Agostinho (St.º Agostinho) transformava o deus Pã e as suas dríades e outras ninfas em íncubos e súcubos... Agostinho identificava a Natureza com o Mal” (6)*

*" O édito de Liutprando, de 727 d.c. fala expressamente de bruxaria como de uma atitude que, perigosamente, conserva em si elementos pagãos, que sobreviveram à pregação do evangelho”(7)*

*" Em 1523, Bartolomeu Spina estabelece a ligação entre a presença no sabat com os cultos pagãos da Deusa Diana. Antes dele, por meados do século XIII, a ideia, já por nós apontada, de que o culto das bruxas poderia remontar á veneração das figuras de bacanais (o próprio Baco, Diana e talvez Herodíade) já fora afirmado por Alfonso Tostado.”(8)*

Para além da demonização dos antigos deuses/as, o cristianismo sempre procurou desqualificar os seus seguidores equiparando-os a proscritos sociais como envenenadores e assassinos como poderemos constatar neste breve trecho extraído do livro de Julio Caro Baroja.

*" « Quem são aqueles que nada têm a ganhar com o cristianismo? As alcoviteiras e outros servidores da luxúria, os sicários assassinos, os envenenadores, os magos, os arúspices, os adivinhos (arioli) e os que se entregam à astrologia (mathematici)». Assim falava Tertuliano, na sua famosa Apologia muito antes do triunfo do cristianismo. Aquilo que ele não dizia tão claramente é que a sua religião tentava eliminar as outras, assimilando pagãos ou gentios àqueles cujas artes e actos eram punidos pela própria religião pagã” (9).*

Para se ter uma melhor noção, da grandeza desta perseguição e destruição aconselho, a leitura do livro de Catherine Nixey, a “Chegada das Trevas, com os cristãos destruíram o mundo clássico, editado pela Desassossego.

Assim temendo pela sua vida, os adoradores da Antiga Religião, rodeiam-se de um secretismo máximo, negam, e escondem as suas crenças e praticas ao abrigo da noite. Mas apesar desta persecução que durou séculos, o culto das Antigas Divindades Pagãs centrado na Natureza e nos seus ciclos de renovação, não morreu, transforma-se e adapta-se aos novos tempos. Com outras roupagens, vai sobrevivendo praticado ao abrigo dos bosques, ruínas ou grutas, longe dos olhares de tudo e de todos de forma “familiar”, ou escondido na religiosidade popular cristã.

Reunidos em pequenos núcleos de adoradores dispersos entre si e centrados nas suas tradições e costumes regionais, assim vai sobrevivendo a crença politeísta, na Sacralidade da Natureza, aos tempos marcados pelas perseguições, e fogueiras ateadas pela Inquisição, em nome de um só Deus. Homens e Mulheres e crianças, foram queimados, somente porque continuavam a ter como referencia a Natureza e o Divino que Nela se manifesta; suas hierofânias e ciclos sazonais nos seus cultos, e não os ciclos

da vida e morte de um Homem, que por mais importante que tenha sido, será sempre uma parábola temporal, gerada e manifesta na intemporalidade da Divina Natureza.

Thorg da Lusitânia (S.Sacerdote Politeísta)

Coofundador da P.F.I.-Internacional e da Congregação Politeísta

*(1 Mircea Eliade, El Mito del Eterno Retorno, Emecé Editores 2001. p.34/35*

*(2 Inscriptions from Roman Britain Association of Classical Teachers Original Records, nº4, ed. M.C. Greenstock, Londres, LACT Publications, 1972, 1987, p.129*

*(3 Mireille Baumgartner – L'Église en Occident : Dès origines aux reformes du XVIe siècle – Presses Universitaires de France. Editado em português por Edições 70, Título: A Igreja no Ocidente –pag.87*

*(4 autores Jacopo Fo, Sergio Tomat e Laura Malucelli "o Livro Negro do Cristianismo – Dois mil anos de crimes em nome de Deus." Editado em Portugal pela Editorial Magnólia, Março de 2009 pp.38*

*(5 O Livro Negro da Inquisição – A reconstituição dos grandes processos" de Natale Benazzi e Matteo D'Amico da Âncora Editora 2001 – p. 258*

*(6 História Geral do Diabo de Gerald Messadié, Publicações Europa-América 2001, p.333*

*(7 História Geral do Diabo de Gerald Messadié, Publicações Europa-América 2001, p.349*

*(8 " O Livro Negro da Inquisição – A reconstituição dos grandes processos" de Natale Benazzi e Matteo D'Amico da Âncora Editora 2001 – p.196*

*(9 " O Livro Negro da Inquisição – A reconstituição dos grandes processos" de Natale Benazzi e Matteo D'Amico, Âncora Editora 2001 – p.202*

*(13) As Bruxas e o seu mundo de Julio Caro Baroja(Antropologo e Historiador), Editorial veja v8110158 (p.69)*